



A ALEGRIA DE UM COROA

Armando Nogueira

(Texto extraído do livro "O Vôo das Gazelas", de Armando Nogueira, publicado em 1991)

Acordou bem cedinho. Estava louco para rever a sua cidade. Abriu a janela do apartamento e deu de cara com uma colossal manhã de sol, dessas que só mesmo o Rio de Janeiro é capaz de aprontar em pleno inverno. Pois a história que agora te conto, leitor, passou-se no recente mês de agosto.

Para não perder tempo, que as férias eram brevíssimas, o nosso amigo tomou um xicrinha de café preto, enfiou no bolso uma pera, pra mais tarde, e saiu pelo Aterro do Flamengo, feliz da vida, de bermudas e tênis "Conga".

Caminhava e distribuía seu contentamento entre as árvores do Aterro, boas amigas que ele já não via há dez anos, quando deixou o Rio para ir cuidar de uma fazendola no interior de Minas.

Pelas tantas, quis tomar sol. Despiu a camisa de malha, deitou na arquibancada do campinho de futebol de salão e assim ficou um tempão, entregue ao regozijo de merecido repouso. Tamanho era o sossego que até chegou a tirar uma soneca.

- Ei, moço! bom-dia!

Era a voz de um dos três garotos que chegavam com uma indisfarçável secura de bola.

- Quer fazer um racha com a gente? A gente joga dois-contra-dois.

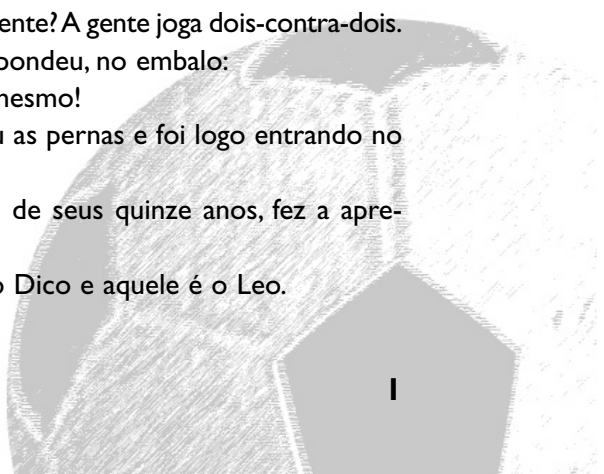
Deitado estava e deitado respondeu, no embalo:

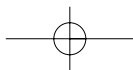
- Vamos lá, pelada é comigo mesmo!

Resoluto, levantou-se, sacudiu as pernas e foi logo entrando no campo. Um campo de barro.

O dono da bola, um menino de seus quinze anos, fez a apresentação da turma:

- Eu sou o Marcio, esse aí é o Dico e aquele é o Leo.





Nem esperou que o coroa se identificasse. Queria mais era começar logo o racha.

- Olha aqui, vai ser eu e o Dico contra o senhor e o Leo.

Pela rapidez da escalação, o coroa sentiu que devia estar entrando numa fria: o bom de bola, ali, devia ser o Dico. Discretamente, deu uma olhada e viu que o Leo não tinha a menor pinta. De qualquer modo, chamou de lado o Leo e propôs uma chave: O Leo lá na frente, ele mais atrás. Antes, porém, um teste sem aparentar outra intenção a não ser aquecer o corpo: na verdade, queria mesmo era saber se o Leo era de bola, ou não. Tocou a bola na direção do Leo para ver que bicho dava. A bola beliscou a canela do Leo. O coroa chegou a pensar em desistir. Um sujeito de 61 anos, meio barrigudo, cheio de cabelos brancos:

- Meu Deus, o que é que estou fazendo aqui no meio desses meninos; uns meninões de quinze anos?

O diabo é que ele já tinha aceito o desafio. Não ficava bem correr da raia. Afinal de contas, não era a primeira, nem seria a última vez que a vida metia o nosso coroa em batalhas decisivas.

No meio do campo, o dono da bola vai cantando as regras do jogo: a partida é de cinco. Quem fizer cinco primeiro, ganha. Não vale gol direto. Não pode pegar a bola com a mão, só se já começar no gol de saída.

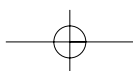
E como ninguém sequer pensou em jogar no gol, a partida começa com os quatro na linha. No centro do campo de terra batida, a bola de futebol de salão, por sinal que um tanto surrada.

A saída, lógico, é do Marcio. Marcio pro Dico, Dico pro Marcio, que tenta um drible. O coroa, vigilante, rouba a bola e contra-ataca. Procura o Leo. O Leo ficou lá atrás, parado, sem saber pra que lado ir. O coroa então chuta do meio do campo. Gol!

- Não vale - grita o Marcio - eu avisei ao senhor que não vale gol direto. O senhor tem que passar a bola pro Leo! Ou o Leo pro senhor!

Gol anulado, começa tudo de novo. Saída com o Marcio. O coroa pede tempo. Cochicha uma tática no ouvido do Leo.

Bola em jogo. O Leo dispara e vai ficar plantado bem juntinho da baliza, como pediu o coroa.



Em dez minutos, o time do coroa já está ganhando de três a zero, três gols do Leo. O esquema funciona bem, mas o jogo é incessante, lá e cá. Agora mesmo, o Dico acaba de fazer o dele: três a um. E o Marcio delira com a reação.

Nova saída. O coroa arranca pelo meio dos dois, parece um foguete; vai em frente e entrega, mais uma vez, em baixo dos paus para o Leo fazer o quarto gol.

A essa altura, o coroa já passeia pelo campo, absoluto. Por sua vez, o time adversário já esta literalmente descadeirado.

- Vai - pereba, berra o Marcio, colérico, para o Dico - Vai nele! Ocê não disse que o coroa não é de nada? Toma a bola dele, palhaço!

A dissensão nas hostes inimigas é profunda. O Marcio e o Dico vão acabar saindo na porrada. Pelo menos é o que pressente o coroa, achando, por isso, que o melhor é liquidar logo essa conta.

Vamos, então, mais que depressa ao quinto e derradeiro gol dessa inesquecível partida. Porque inesquecível, leitor, já, já saberemos.

O Marcio faz um passe longo para o Dico. O demônio do coroa, como sempre, advinha a jogada, corta o centro com o peito em pleno ar e, antes que a bola caia no chão, amortece na coxa direita. Da coxa, a bola escorre para o peito do pé e pronto: uma, duas, três... o homem começa uma sucessão de embaixadas; faz nove em plena corrida. Na décima, depõe a bola na linha do gol, bem em cima da linha:

- Tai, Leo, faz o quinto e acaba logo o jogo.

- O Marcio, uma fera, vai apanhar a bola e nem volta para dizer até logo. O Dico sai de fininho, mal dá um tchau. O Leo, não, o Leo dá um abraço legal no companheiro de time.

O coroa senta de novo na arquibancada, tira do bolso a pera, dá uma mordida triunfal e fica ruminando, em silêncio, o bendito fruto de uma bela vitória.

Os três meninos foram embora sem saber que deram uma certa alegria ao coroa Nilton Santos, também chamado "A Enciclopédia do Futebol".



PELADA DE SUBÚRBIO

Armando Nogueira

(Texto extraído do livro "Bola na Rede", de Armando Nogueira, publicado em 1974)

Nova Iguaçu, quatro horas da tarde, sábado de sol. Dois times suam corpo e alma numa fogaosa pelada. O campo em que se esfolam os dois times abre-se como um clarão de barro vermelho cercado por uma ponte de madeira, um matagal e uma chácara silenciosa, de muros altos.

A bola, das brancas, novinha em folha, rola como uma dádiva a enriquecer o grande vazio de vidas tão humildes. Formalmente divididas, essas vidas, na verdade, juntam-se para exaltar a liberdade na abstração de um gol.

Uma rebatida desesperada manda a bola por cima do muro. A bola vai cair nos fundos da velha chácara. Sem demora, é devolvida num gesto generoso. Alguns minutos mais tarde, outra vez, a bola vai cair nos terrenos da chácara, de onde volta, de novo, lançada pela mesma boa alma que o muro não deixa ver de quem se trata. Talvez seja o caseiro.

Na terceira vez, a bola ficou por lá; ou melhor, voltou, mas, só cinco minutos depois, trazida embaixo do braço por um homem gordo, cabeludo, vestindo calças de pijama e nu da cintura pra cima. Seria o dono da chácara? A pose era de patrão. Entrou no campo, com uma cara de poucos amigos.

A rapaziada, meio assustada, ficou na defensiva, sem saber direito o que ia sair daquele homem mal encarado. Ele entrou, foi andando pro centro do campo. Parou, curvou-se, pôs a bola no chão e, quando os dois times, gratamente surpreendidos, ameaçavam celebrar, com palmas e risos de agradecimento, o gesto do vizinho, eis que o homem tira da cintura um revólver e dispara, de uma enfiada, seis tiros na bola dos rapazes.

No campo, invadido pela sombra da morte, só restou a bola, morta.



MENINO-QUE-CHEGA

Armando Nogueira

(Texto extraído do livro "O Homem e a Bola", de Armando Nogueira, publicado em 1988)

Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande.

Festejemos em Paulinho um sopro de vida que remoça o Maracanã, no ano de seus vinte anos. Esse é o glorioso destino do grande estádio: cada menino que chega é grama nova que floresce no campo.

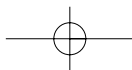
Cada menino que chega, alento fresco no grito doce-afrito da multidão.

Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele, hoje, a história dos vinte anos do Maracanã. Repetiria o que já andei contando em breve escrito, sobre essa gigantesca panela de pressão – para usar uma feliz imagem de meu velho amigo Nilton Santos.

Em vinte anos de comunhão esportiva, o Maracanã já viveu, em níveis profundos, todas as emoções que o futebol é capaz de provocar na multidão. O Maracanã já foi até cova rasa de um sonho nacional, quando o Brasil perdeu para o Uruguai a Taça do Mundo de 1950.

Testemunha da amarga tarde de 17 de julho, guardo bem na memória dos olhos a visão da arquibancada imensa toda coberta de cinzas – as cinzas do jornal queimado no fogo da esperança morta.

Ah, se eu pudesse recompor, para o menino que chega, os melhores momentos do Maracanã: quanta mágoa ali convertida em riso pela simples abstração de um gol! Tanta gente sem endereço ali já teve seu momento de herói e semideus, projetando a própria alma no gesto de seu ídolo.



Quem me dera recriar para o menino que está descobrindo o Maracanã aquele drible que Garrincha esculpia no vento, ao longo do campo.

Se não for pedir muito, menino-que-chega, peça a seu pai cadeira especial: a porta do elevador se abre para o abismo da multidão que canta, aos palavrões, a própria infância perdida.

A cena assusta, mas não ofende, pois o coral do futebol conseguiu o milagre de purificar até os sons de um palavrão.

Vive-se no Maracanã, à maneira moderna, o fenômeno da santificação coletiva que os gregos antigos iam buscar no teatro.

Chegue para ficar, menino-que-chega. Um dia, você verá o espetáculo inesquecível que é o Maracanã em tarde de Flamengo: milhares de bandeiras em festa, fechando o cerco das arquibancadas. As bandeiras maiores se alongam, femininas, até o campo, querendo enlaçar o herói do gol para entregá-lo, morto de beijos, ao abraço triunfal da multidão.

E a multidão põe-se a cantar que "tá chegando a hora": hora de rir e de chorar, hora de viver a vitória que lá fora a vida negou-lhe a semana inteira.

Cheque para ficar, menino-que-chega, porque é aqui que está a bola – a bola da minha, da tua, da nossa infância; aqui está a bola que, rolando, descobre o céu, brinquedo mágico, forma perfeita, forma divina.

Deus é esférico.

